



INCT **Instituto da
Democracia**
e da Democratização
da Comunicação

A Cara da Democracia no Brasil

Partidos políticos

Relatório N.3 de divulgação de pesquisa nacional realizada pelo
Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) – Instituto da
Democracia e da Democratização da Comunicação

Belo Horizonte-Brasília-Campinas-Rio de Janeiro

Junho/2018

O Instituto

O Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação tem como objetivo avançar e aprofundar a discussão sobre a democracia brasileira, visando sua organização, os hábitos democráticos da população e a organização da mídia no País.

O Instituto faz parte do Programa de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT) e é formado por grupos de pesquisas de quatro instituições principais: UFMG, IESP/UERJ, Unicamp e UnB, e por pesquisadores da USP, UFPR, UFPE, UNAMA, IPEA e, internacionalmente, do CES/UC e da UBA.

A equipe do Instituto é composta por sociólogos, cientistas políticos, juristas, historiadores e comunicólogos que desenvolverão suas atividades combinando investigação e docência em Instituições Públicas de Ensino Superior de excelência no Brasil e também na Argentina e em Portugal. Seus membros são pesquisadores de renome nacional e internacional, especialistas nas áreas de opinião pública, democracia, justiça e cidadania.

O Instituto conta com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenadoria para Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig).

O Comitê Gestor do Instituto é composto pelos professores Leonardo Avritzer (UFMG), Fabiano Santos (Iesp-Uerj), João Feres Júnior (Iesp-Uerj), Giovanni Allegretti (Universidade de Coimbra) e pela professora Rachel Meneguello (Unicamp).



A Pesquisa

A pesquisa “A Cara da Democracia no Brasil” é um dos eixos que articulam a investigação sobre representação, participação e opinião pública no âmbito do Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação.

Os últimos anos vêm mostrando mudanças importantes no comportamento, nas atitudes e nos valores dos cidadãos brasileiros com relação à democracia e a seu funcionamento no País. Alguns pontos merecem destaque: a relação com o sistema representativo aponta déficits muito significativos que se expressam no baixo grau de confiança e de avaliação das instituições, na recusa da política, dos partidos e dos políticos, constituindo percepções negativas que afetam a legitimidade do sistema.

No âmbito da participação, novas formas de ativismo passaram a compor os modos de organização e de mobilização, traduzindo as mudanças estruturais da política na era das novas tecnologias de comunicação.

O estudo dos posicionamentos e dos julgamentos sobre o sistema político e a avaliação de seu impacto sobre a adesão à democracia, assim como a identificação de atitudes com relação aos valores da vida democrática são alguns dos pontos dessa pesquisa.

A amostra representa a população brasileira eleitora de 16 anos ou mais de idade. Foram realizadas 2500 entrevistas em todos os estados do Brasil. O campo foi realizado entre 15 e 23 de março de 2018.

A amostra foi selecionada em três estágios:

No primeiro estágio, foram selecionados probabilisticamente os municípios através do método PPT(probabilidade proporcional ao tamanho) tomando como base o número de eleitores de cada município. A amostra foi estratificada pelos estados brasileiros. Foram selecionados 179 municípios.No segundo estágio, foram selecionados aleatoriamente os setores censitários dentro de cada município. No terceiro estágio, a seleção do entrevistado dentro de cada domicílio. Esta seleção foi feita através de cotas de sexo,idade,escolaridade e de renda familiar.

A pesquisa tem intervalo de confiança de 95% e margem de erro de dois pontos percentuais.

O Relatório

O relatório “Partidos Políticos” apresenta alguns dos resultados encontrados na pesquisa “A Cara da Democracia no Brasil”.

O objetivo do relatório é divulgar e analisar, de forma simples e acessível, alguns dos resultados encontrados na pesquisa. Neste número, tratamos, especialmente, das percepções dos brasileiros sobre os partidos políticos do País.

O relatório apresenta uma série de gráficos e tabelas que ilustram as análises feitas.

Todos os dados e análises contidos no relatório podem ser divulgados publicamente desde que devidamente citados.

O relatório estará disponível em www.institutodademocracia.org

Sobre os autores do relatório:

Oswaldo E. do Amaral é professor do Departamento de Ciência Política da Unicamp e diretor do Centro de Estudos de Opinião Pública (Cesop) da mesma instituição. oswamaral@gmail.com

Sérgio Simoni Jr. é doutor em Ciência Política pela USP e pesquisador do Cesop/Unicamp. sergiojr_ssj@yahoo.com.br

1. Confiança nos partidos políticos

A pesquisa “A Cara da Democracia no Brasil”, realizada em março de 2018, identificou que o nível de confiança dos brasileiros nos partidos políticos encontra-se no patamar mais baixo desde 2006 e que a simpatia pelas agremiações políticas também encontra-se no nível mais baixo desde 2008. Essa são as principais conclusões deste relatório.

Todos os dados aqui apresentados são comparáveis, pois foram retirados de diferentes ondas do Barômetro das Américas e de pesquisas realizadas pelo Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas (Nupps) da Universidade de São Paulo

O nível de confiança dos brasileiros nos partidos políticos encontra-se no patamar mais baixo já verificado

(USP) e do Centro de Estudos de Opinião Pública (Cesop) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O Barômetro das Américas realiza pesquisas de opinião em todo o continente americano e é coordenado pela Universidade Vanderbilt, nos EUA¹. Todas as pesquisas contam com amostragem nacional. Suas margens de erro, porém, variam e estão indicadas nos gráficos.

Perguntados sobre o nível de confiança nos partidos políticos, em 2018, 77,8% dos entrevistados afirmaram não ter “nenhuma confiança”. Apenas 1,1% dos eleitores declararam “confiar muito” nas agremiações políticas. Essas porcentagens traduzem o maior nível de desconfiança com relação às legendas brasileiras desde que encontramos dados para uma comparação sistemática, a partir de 2006. É importante destacar que, se por um lado, desde 2006, a porcentagem de respondentes que afirmaram “confiar muito” não variou muito e nunca foi muito elevada (2,1%, em 2006, e 2,4%, em 2014), por outro, a que declararam não possuir nenhuma confiança subiu mais de 40 pontos no período analisado (Gráfico 1).

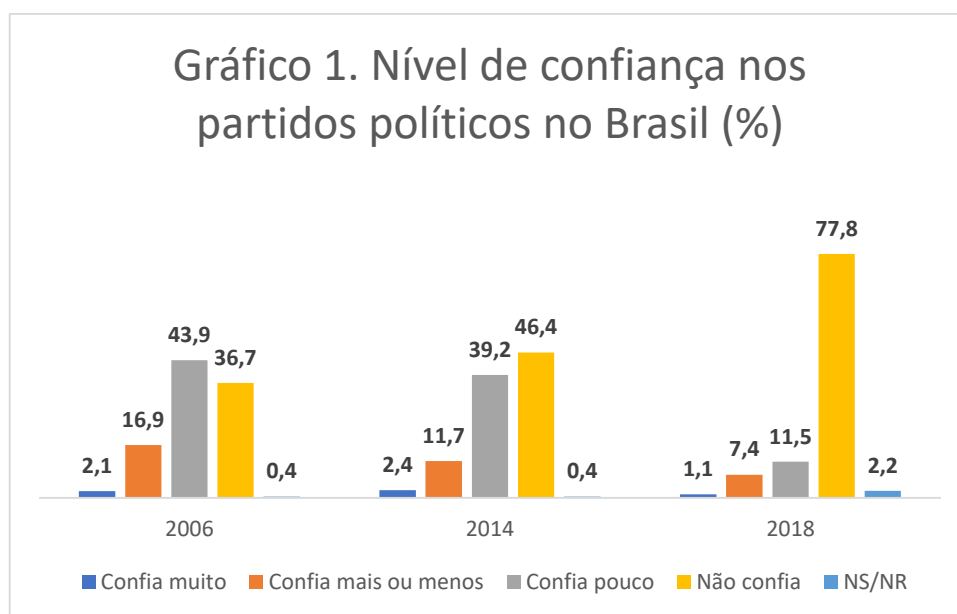
A pesquisa “Barômetro das Américas” utiliza uma medida diferente de confiança nos partidos, baseando-se em uma escala de 1, que significa “nenhuma confiança”, a 7, que significa “muita confiança”. No entanto, se considerarmos que os posicionamentos 5, 6

¹ Os dados do Barômetro das Américas podem ser encontrados em: www.vanderbilt.edu/lapop

e 7 correspondem a um nível relativamente alto de confiança, vemos que os dados da pesquisa “A Cara da Democracia no Brasil” são compatíveis com os obtidos pelo Barômetro das Américas em 2017.

Em 2017, 9% dos eleitores brasileiros indicaram possuir um nível razoável de confiança nas legendas do País. Em 2018, se somarmos os que responderam “confiar mais ou menos” ou “confiar muito”, chegamos a 8,5%. No ano de 2017, em relação aos outros países latino-americanos analisados pelo Barômetro das Américas, apenas Chile (8,5%) e Peru (7,5%) apresentaram índices de confiança nos partidos mais baixos do que o Brasil.

Os dados para a América Latina mostram um declínio no nível de confiança nos partidos políticos em toda a região nos últimos anos. Após um período de relativa estabilidade entre 2004 e 2012 (entre 21% e 24%), o nível declinou até atingir 17,5%, em 2017 (sempre considerando os que indicaram os números 5, 6 e 7 na escala mencionada)².



Fonte: Nupps/Cesop (2006); Nupps (2014); INCT (2018). Margens de erro: 2006 (2,0); 2014 (2,0); 2018 (2,0). I.C. 95%

²Para mais informações sobre a América Latina, ver: “The Political Culture of Democracy in the Americas, 2016/17”, disponível em: https://www.vanderbilt.edu/lapop/ab2016/AB2016-17_Comparative_Report_English_V2_FINAL_090117_W.pdf

Quem não confia nos partidos?

Como os níveis de confiança nos partidos políticos variam entre diferentes grupos sociais? Para responder a essa pergunta, realizamos, nesta seção, uma análise multivariada. Esse tipo de análise permite verificar a relação entre variáveis específicas “controlando”, ao mesmo tempo, a associação que ocorre por meio de outras variáveis que consideramos importantes. Por exemplo, se estamos interessados em saber se diferentes níveis de escolaridade se relacionam com distintos níveis de confiança nas legendas, é interessante verificar se esse comportamento não se deve, na verdade, à idade do respondente, antes que a seu nível de escolaridade.

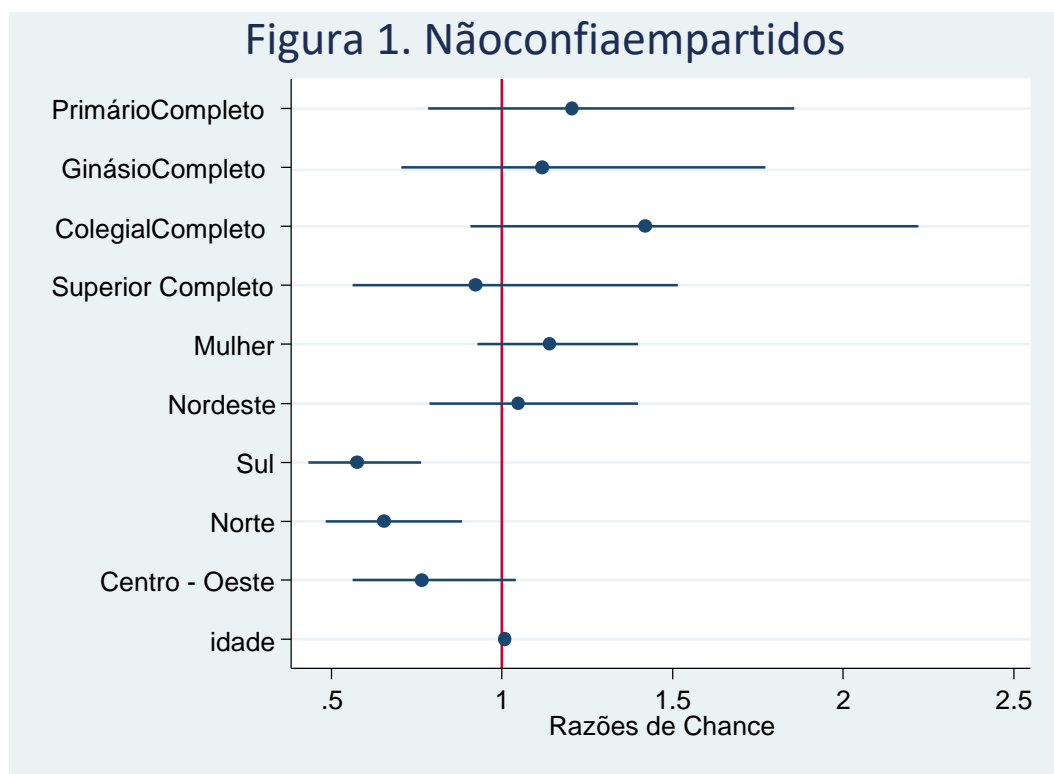
Para realizar essa análise, selecionamos as seguintes variáveis explicativas: (a) escolaridade (organizada da seguinte forma: até primário incompleto, primário completo, ginásio completo, colegial completo, superior completo); (b) sexo; (c) macro-região de moradia (Sudeste, Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Norte); e (d) idade.

Dessa forma, podemos verificar como cada uma das variáveis associa-se a nossos fenômenos de interesse. Em todas as análises realizadas, as categorias de referência adotadas foram: primário incompleto, homem e Sudeste³. A idade foi mensurada de maneira contínua.

De forma a facilitar a visualização dos resultados, apresentamos graficamente as razões de chance, com seus respectivos intervalos de confiança, de cada variável. Variáveis com impacto estatisticamente significativo são aquelas cujo intervalo de confiança não ultrapassa a barra vermelha.

A figura abaixo apresenta as razões de chance da regressão logística multivariada cuja variável dependente é "não confiar" nos partidos políticos (Figura 1).

³ Isso significa que as comparações realizadas na análise estatística são feitas a partir dessas categorias de referência, e não entre elas.



Fonte: Os autores, a partir de INCT (2018)

Como é possível observar, não há variações estatisticamente significativas entre a maior parte dos grupos analisados. As exceções ficaram por conta dos eleitores que vivem nas regiões Sul e Norte do País quando comparados aos que moram no Sudeste. De uma maneira geral, é possível concluirmos que a desconfiança com relação aos partidos não é um fenômeno específico vinculado aos níveis de escolaridade, ao sexo ou à idade dos entrevistados.

Quando esses dados são comparados com os resultados relativos à América Latina encontrados pelo Barômetro das Américas, é possível notar algumas diferenças. Na região como um todo, o fenômeno da desconfiança nas agremiações políticas está diretamente associado ao nível de escolaridade. Ou seja, quanto maior o nível de escolaridade, maior a desconfiança nos partidos políticos. No caso brasileiro, a desconfiança aparece distribuída entre todos os grupos observados.

2. Simpatia pelos partidos políticos

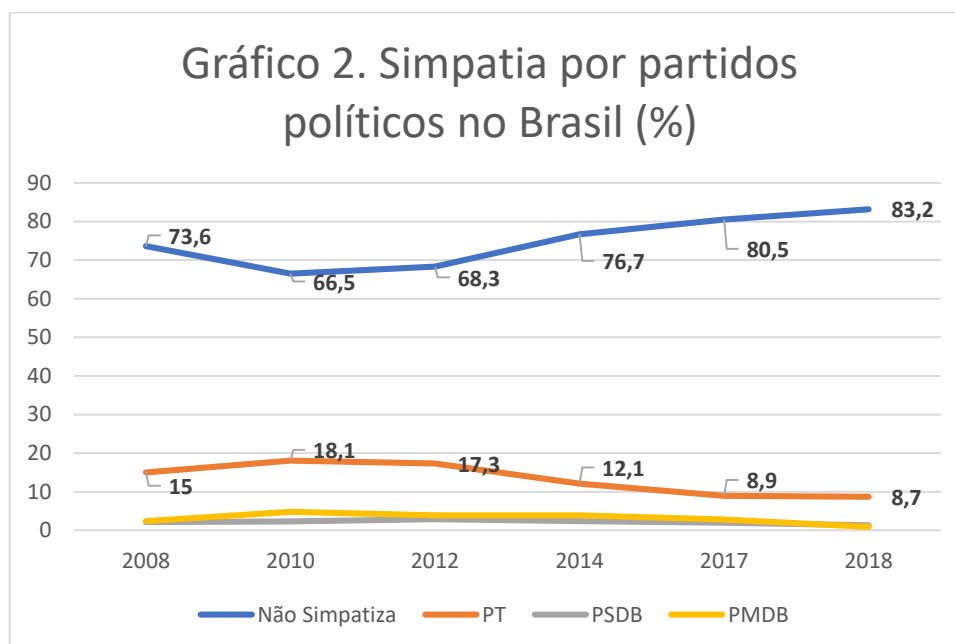
A identificação partidária é uma das medidas mais utilizadas para tratar do nível de enraizamento social das agremiações políticas e também para avaliar o desenvolvimento dos sistemas partidários. Existem muitas formas de medir a identificação partidária e elas podem apresentar resultados distintos – embora com movimentação semelhante ao longo do tempo. Na pesquisa “A Cara da Democracia no Brasil”, optamos por realizar duas perguntas no lugar de apenas uma: Primeiro, indagamos se o entrevistado simpatizava com algum partido político; Depois, por qual. Esse procedimento é utilizado em *surveys* como os realizados pelo Barômetro das Américas e pelo Estudo Eleitoral Brasileiro (Eseb), embora esse último utilize a palavra “proximidade”. Por isso, neste relatório optamos por apresentar apenas os dados levantados pelo Barômetro das Américas para a comparação longitudinal⁴.

Em 2018, 83% dos eleitores brasileiros afirmaram não simpatizar com nenhum partido político

Os dados mostram que a ausência de simpatia por qualquer partido político vem aumentando no Brasil desde 2014. Em 2018, ela atingiu 83,2%, com um aumento de 2,7 pontos percentuais com relação ao ano anterior. A pesquisa também confirma que o Partido dos Trabalhadores (PT) continua a ser a única agremiação política no Brasil a alcançar número substantivo de simpatizantes, situação que se mantém nas últimas duas décadas. Apesar disso, a simpatia pelo partido caiu de 18,1%, em 2010, para 8,7% em 2018 – praticamente a mesma porcentagem encontrada no ano anterior (8,9%) (Gráfico 2). Nos últimos dez anos, legendas eleitoralmente fortes, como o Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB, ex-PMDB), não chegaram a atingir 5% de simpatizantes entre os eleitores. Em 2018, 1,3% dos entrevistados afirmaram simpatizar com o PSDB e 0,9%, com o MDB (Gráfico 2).

⁴O Instituto Datafolha possui uma das mais longas e frequentes séries de dados sobre identificação partidária no Brasil. No entanto, o Instituto realiza apenas uma pergunta (“Qual é o seu partido de preferência?”), o que impede a comparação direta com os dados obtidos na pesquisa “A Cara da Democracia no Brasil”.

Assim como no Brasil, a simpatia por partidos políticos caiu nos últimos anos em toda a América Latina. Em 2014, segundo o Barômetro das Américas, na média, 35,7% dos latino-americanos declararam possuir simpatia por alguma agremiação política. Em 2018, a porcentagem caiu para 26,7%. Entre os 21 países pesquisados, o Brasil ocupava, em 2017, o 16º lugar no ranking de identificação partidária da região.



Fonte: Lapop (2008, 2010, 2012, 2014, 2017); INCT (2018). Margens de erro: 2008 (2,53); 2010 (1,79); 2012 (2,5); 2014 (2,5); 2017 (2,5); 2018 (2,0). I.C. 95%

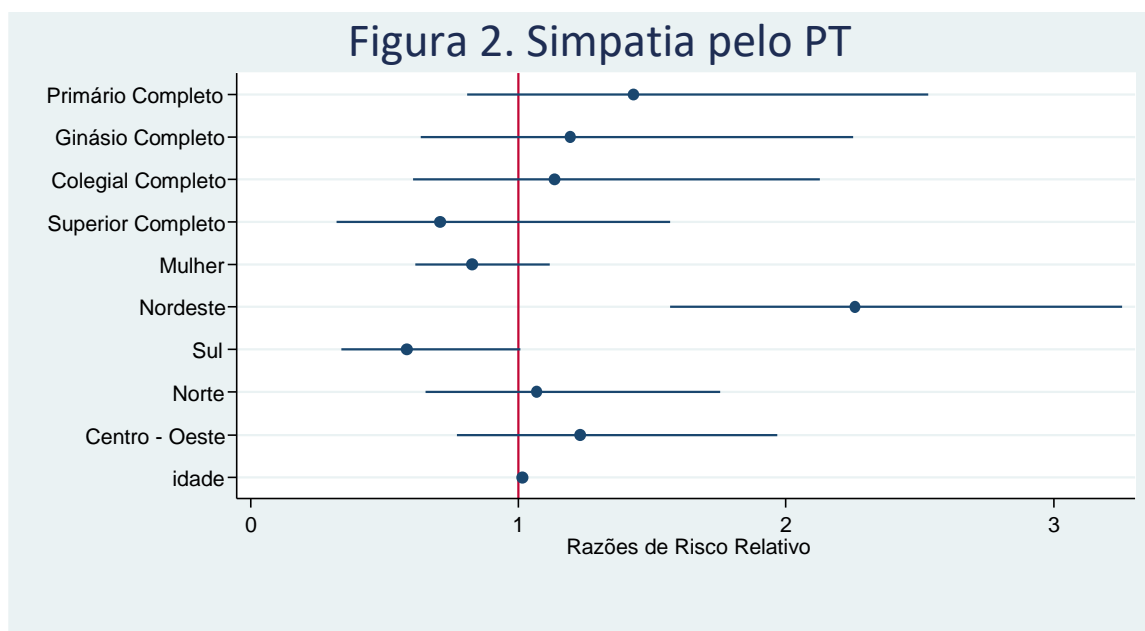
Quem são os simpatizantes do PT?

Como vimos no Gráfico 2, o PT é o único partido que conta, ao longo do tempo, com uma base significativa de simpatizantes no País. De modo a analisar quais características pessoais estão relacionadas com esse fenômeno, lançamos mão de um modelo de regressão multinomial, separando a variável dependente em três categorias: (a) simpatia pelo PT; (b) simpatia por qualquer outro partido, e (c) ausência de simpatia por qualquer partido, sendo essa última a categoria de referência da análise. Aqueles que não responderam ou não souberam indicar qualquer resposta foram excluídos da análise.

Como variáveis explicativas, utilizamos as mesmas da análise multivariada anterior: (a) escolaridade (organizada da seguinte forma: até primário incompleto, primário completo, ginásio completo, colegial completo, superior completo); (b) sexo; (c) macro-região de moradia (Sudeste, Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Norte); e (d) idade. Em todas as análises realizadas, as categorias de referência adotadas foram: primário incompleto, homem e Sudeste. A idade foi mensurada de forma contínua.

Para facilitar a visualização dos resultados, apresentamos aqui a figura que indica as razões de risco relativo, com seus respectivos intervalos de confiança, apenas do modelo cuja variável analisada é a simpatia pelo PT.

As estimativas mostram que escolaridade e gênero não distinguem eleitores que simpatizam com o PT dos que não têm preferência por nenhum partido. A variável região, por sua vez, mostra que eleitores do Nordeste têm chance maior de simpatizar com esse partido em comparação com os eleitores do Sudeste. Da mesma forma, a idade está positivamente correlacionada com a simpatia pelo PT.



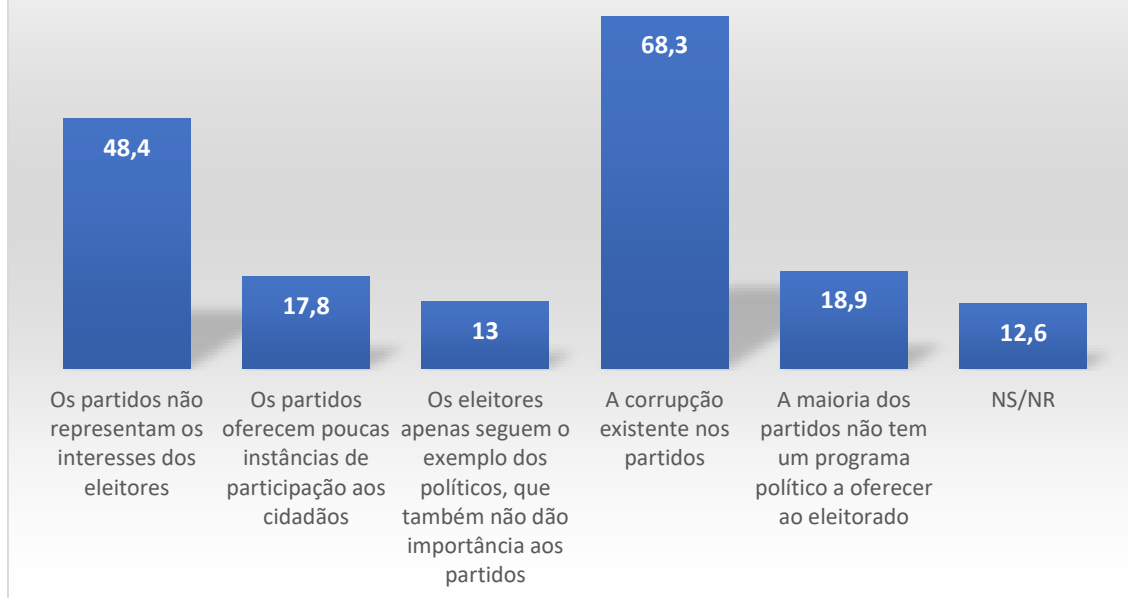
Fonte: Os autores, a partir de INCT (2018)

Por que os brasileiros não têm simpatia pelos partidos políticos?

Para tentar compreender as razões por trás da ausência de simpatia por partidos políticos, a pesquisa “A Cara da Democracia no Brasil” realizou a seguinte pergunta: “No Brasil, a maior parte da sociedade não tem simpatia por nenhum partido. Na sua opinião, qual das razões seria capaz de explicar isso?”. Os respondentes poderiam indicar até duas razões e foram estimulados a escolher entre as seguintes alternativas: (a) “Os partidos não representam os interesses dos eleitores”; (b) “Os partidos oferecem poucas instâncias de participação aos cidadãos”; (c) “Os eleitores apenas seguem o exemplo dos políticos, que também não dão importância aos partidos”; (d) “A corrupção existente nos partidos”; e (e) “A maioria dos partidos não tem um programa político a oferecer ao eleitorado”. Também era possível indicar outras respostas de maneira espontânea.

Os resultados encontrados indicam que, para os entrevistados, a maioria dos brasileiros não simpatiza com os partidos políticos porque haveria corrupção nas organizações e porque as legendas não seriam capazes de representar os interesses dos eleitores (Gráfico 3). O dado relativo à percepção sobre a incapacidade dos partidos de exercerem a função representativa não surpreende e está em consonância com outras pesquisas realizadas em democracias “novas” e “consolidadas”. Já a elevada porcentagem dos que indicaram a corrupção como uma das principais razões para a ausência de simpatia por agremiações políticas no Brasil parece indicar um fenômeno mais localizado, inserido no contexto de seguidos escândalos de corrupção envolvendo grandes empresas e partidos políticos desde 2014, quando começou a Operação Lava-Jato.

Gráfico 3. Razões para a ausência de simpatia por partidos políticos no Brasil (%)



Fonte: INCT (2018); Margem de erro (2,0). I.C. 95%. Resposta estimulada e múltipla. Apenas as mais citadas.

3. Considerações Finais

Os partidos políticos são considerados pela literatura especializada como elementos centrais para o funcionamento dos regimes democráticos. Eles auxiliam na inteligibilidade da competição eleitoral, na formação dos governos e na condução dos trabalhos legislativos. Dessa maneira, os resultados apresentados aqui estão de acordo com os identificados no primeiro relatório da pesquisa, no qual descrevemos o avanço da insatisfação dos brasileiros com o funcionamento do regime democrático de uma maneira geral⁵.

O quadro brasileiro não diverge substancialmente do que vem sendo verificado na América Latina como um todo. A queda no nível de bem-estar econômico nos últimos anos parece exercer um efeito na percepção sobre o papel e a capacidade de

⁵O primeiro relatório pode ser encontrado em: https://docs.wixstatic.com/ugd/a46f9a_3e0985df7c7f48b7979c81f76abcdf38.pdf

representação dos partidos políticos. No entanto, o caso brasileiro parece ter sido potencializado pelos inúmeros escândalos de corrupção envolvendo grandes empresas e partidos políticos tradicionais desde 2014, como indica o Gráfico 3.

Os dados relativos aos eleitores que simpatizam com o PT confirmam o que a maior parte das análises vêm identificando nos últimos dez anos. Se no período posterior à sua fundação o partido tinha mais chance de receber apoio dos brasileiros com maior renda e escolaridade, atualmente essas variáveis não são mais capazes de explicar a simpatia pelo partido. Outra mudança que se mantém está ligada às bases geográficas do “petismo”. Nos últimos anos, a identificação com o partido cresceu e se manteve elevada na região Nordeste.